

# A LIBERTAÇÃO É UMA GUERRA PROLONGADA

Domingo 6/6/82



A violência da guerra recordada neste diálogo do Presidente Samora Machel com os comandos

A libertação é dura. É uma guerra prolongada. A nossa libertação só é possível se tivermos uma ideia do conjunto, da globalidade do sistema de opressão. Essa a razão desta nossa longa conversa convosco — disse ontem o Presidente Samora Machel, quinto dia da reunião da Direcção do Partido e do Estado com os comprometidos.

Ontem o Chefe do Estado dialogou com os comandos, após a ouvir os relatos de dezenas de PIDEs e ANPs analisando as trajectórias de cada um. Esta reunião teve início há quatro semanas, tendo sido interrompido após 2 dias

de trabalho, essencialmente preenchidos pela desmontagem dos mecanismos da ANP que na sua aliança com a Igreja Católica constituiu «o núcleo central da ordem colonial-fascista».

Naqueles dois primeiros dias de

trabalho o Presidente Samora Machel iniciou ainda a análise da estrutura da PIDE e a sua ligação com as restantes instituições. Este trabalho veio a ter continuidade na última quinta-feira.

Ao terminar o diálogo com os PIDEs, Samora Machel criticou o baixo nível de consciência patriótica revelada pela maioria destes cidadãos. Mostrou-lhes que eles não têm ainda uma concepção da sua Pátria e muito menos da Nação.

«Se não travarmos hoje uma dura luta também pela vossa libertação vocês continuarão a trair durante a vida. Se esta reunião terminar aqui e vocês a pensarem da mesma maneira, como tenho visto pelas vossas intervenções, permanecerão como presas do inimigo.

Recordou que noutras revoluções «resolveram o problema dos traidores através das armas, mas nós estamos aqui a procurar resolvê-lo numa sala, através do diálogo e da análise da história».

Mostrou-lhes também que se a guerra tivesse atingido as cidades a esmagadora maioria dos PIDEs que ali estavam «teriam sido esquarterados como aconteceu ao Xico-Felo». «Mas, acrescentou, vocês são responsáveis por uma série de atrocidades. São responsá-

veis pela humilhação, pela destruição de vidas, pela infelicidade de lares. Vocês são responsáveis pelo Luto Nacional».

A terminar o trabalho com os PIDEs o Presidente Samora Machel ordenou que eles fossem organizados no sentido de elaborarem um documento indicando a forma como se poderão integrar e assumirem na prática a dimensão e as exigências da Pátria. «Das palavras à acção vai uma grande distância. É necessário que na acção prática mostrem que assumiram o patriotismo».

O conhecimento da máquina de opressão colonial foi seguidamente aprofundado quando aos ANPs e PIDEs se seguiram os Comandos, que o Chefe do Estado definiu como o principal suporte militar da dita «Pátria una e indivisível».

«Enquanto a PIDE assassinaava com as mãos e secretamente, os Comandos faziam-no em guerra e afirmavam nos seus comunicados que matavam, esta é a única diferença», afirmou o Presidente da República.

Dialogou então com estes militares do exército colonial, separando-os por grupos. Foram recordadas com cada um daqueles grupos algumas das batalhas mais famosas, massacres e outros acontecimentos. A atenção do diálogo concentrou-se porém na preparação, actividades e objectivos destas tropas especiais, tendo-se assistido na generalidade a respostas francas e precisas.

Matar guerrilheiros, assassinar população das áreas libertadas e zonas de guerra, destruir os bens da população dessas zonas e tudo o que fossem meios de vida e de suporte à guerra de libertação — eram os objectivos centrais destas unidades do exército colonial.

Todas as unidades de «comandos com quem na manhã de ontem o Presidente Samora Machel dialogou diziam ter passado pela Ilha de Moçambique em várias ocasiões. O Chefe do Estado perguntou se eles estavam conscientes do que significavam estas estadias.

Alguns dos intervenientes responderam pronta e francamente que essas estadias representavam «o repouso do guerreiro num local agradável com mulheres bonitas». Referiu-se ainda o recrutamento de mulheres para na Ilha «revisgarem a moral dos comandos».

O Presidente Samora Machel elogiou a consciência que alguns revelavam da sua acção e frisou a diferença com as FPLM que sabiam respeitar a população e tudo o que lhes pertencia.

O encontro prosseguiu até à noite, devendo ainda continuar pela manhã de hoje.

**Domingo, Maputo,  
6 de Junho de 1982**